

8 de março

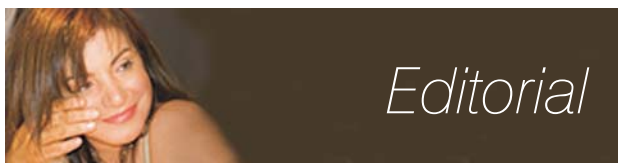
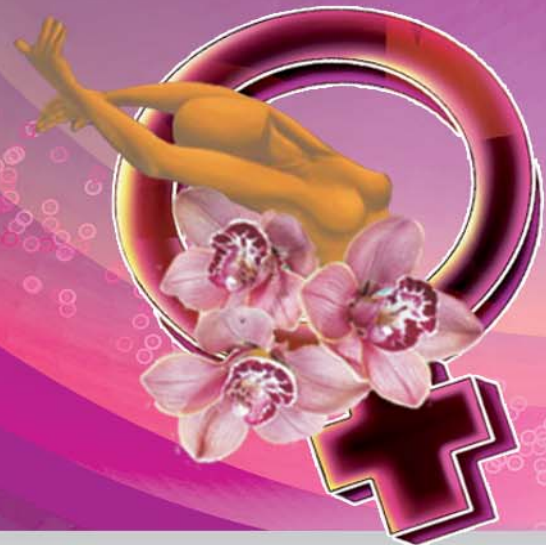
Boletim Especial • 08 de março de 2011

APEOESP

SINDICATO DOS
PROFESSORES DO ENSINO OFICIAL
DO ESTADO DE SÃO PAULO
Filiado à CFE e CUT

Dia Internacional

da Mulher



A hora e a vez das mulheres

A APEOESP apresenta, mais uma vez, aos professores e professoras da rede estadual paulista o Boletim Especial do Dia Internacional das Mulheres. A edição de 2011 traz como destaque a eleição da primeira mulher para a Presidência do País e a crescente participação feminina em outras esferas do Poder.

Ainda faltam muitas etapas para que o Brasil alcance, de fato, o patamar da igualdade entre os gêneros. Mas, a vitória de Dilma Rousseff é um marco histórico para o aprofundamento de políticas específicas adotadas nos últimos oito anos em defesa dos direitos das mulheres, como a criação da Secretaria Especial de Políticas Para as Mulheres, em 2003, a aprovação da Lei Maria da Penha, em 2006, e o Pacto Nacional Pelo Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres, em 2007.

São Paulo foi um dos últimos Estados a assinar o Pacto Nacional, em um claro indicativo de que as gestões tucanas têm sido omissas também em relação às políticas femininas.

Além da defesa incondicional da educação pública de qualidade, a APEOESP incorporou, há mais de uma década, os debates de gênero, raça e diversidade sexual à agenda dos professores.

O Sindicato defende a ampliação do número de creches, ações efetivas no combate aos preconceitos e a assinatura da Convenção 156 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que trata da igualdade das responsabilidades familiares para homens e mulheres.

Longe de ser apenas um fator energizador do cenário eleitoral, a participação feminina na política é essencial para agilizar soluções para problemas que ainda persistem, devido à longa herança patriarcal, como a diferença salarial entre os sexos, a violência e outras questões.

Os sindicatos e movimentos sociais necessitam de articulação e unidade para manter a luta pelo direito à educação, saúde e segurança e garantir que, em um futuro próximo, o fato de ser homem ou mulher não seja determinante em uma disputa política.

Afinal, a diferença de gênero não deveria ser uma bandeira e nem alvo de ataques conservadores, como foi a campanha de 2010, que trouxe à tona preconceitos que muitos pensavam já terem sido superados.

Profª Maria Izabel Azevedo Noronha
Presidenta da APEOESP
e membro do Conselho Nacional de Educação.

Em São Paulo, políticas públicas não são prioridade

Infelizmente, a Educação não é a única área afetada pelos baixos investimentos e políticas equivocadas adotadas pelo governo estadual desde 1995. Nenhum serviço ou ação de relevância para as mulheres foi implementado no Estado durante este período pelos governadores do PSDB, de acordo com a socióloga e jornalista Angélica Fernandes.

A dissertação de mestrado em Ciências Sociais, apresentada por Angélica na PUC de São Paulo em 2010, aborda o problema. Através da análise do orçamento paulista nas áreas de Educação, Saúde, Segurança e Trabalho, a pesquisadora descobriu um retrocesso em conquistas históricas das mulheres, através do desmonte de serviços essenciais, como os Centros de Referência em Saúde da Mulher.

Em todo o Estado, há apenas dois Centros de Referência, um em Campinas e outro na capital, no hospital Pérola Byington. Neste, inclusive, havia um projeto voltado para as vítimas de violência sexual e doméstica, mas que atendeu apenas 3 mil mulheres em mais de 15 anos de trabalho. "Um número minúsculo se considerarmos as 22 milhões de mulheres que vivem no Estado", compara Angélica.

O resultado desta omissão é que o câncer de colo de útero e o de mama, que podem ser tratados se descobertos precocemente, ainda são a segunda causa de mortes de mulheres no Estado de São Paulo.

O investimento no combate à violência contra as mulheres também é irrisório. Das 129 delegacias da mulher

que existem no Estado, apenas uma, que fica no centro da capital, funciona em um prédio do governo estadual. As demais dependem de empréstimo de imóveis das Prefeituras.

Não há atendimento integrado e as delegacias não ficam abertas à noite e nos finais de semana, que são períodos de maior incidência de violência doméstica. São Paulo também foi o último Estado a instituir a Defensoria Pública e as mulheres paulistas contam hoje com apenas um Juizado Especial de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher.

O Pacto Nacional de Enfrentamento à Violência Contra a Mulher, iniciativa do governo federal, só recebeu a adesão em São Paulo, em novembro de 2008, depois do rumoroso sequestro e assassinato da adolescente Eloá Cristina pelo namorado, em Santo André.

A pesquisadora denuncia que na área da Educação Profissional, os programas de qualificação para as mulheres são anacrônicos. "Eles ensinam a bordar, fazer bolo, não se alinham a novas tendências e nem promovem a autonomia das mulheres", avalia Angélica Fernandes.

Serviço

A dissertação "Políticas para as mulheres no governo do Estado de São Paulo" está publicada na Biblioteca Virtual da PUC-SP. O trabalho de 166 páginas também é o mais recente destaque da seção Teses e Dissertações do site da APEOESP, que já reúne resenhas sobre 34 trabalhos acadêmicos de interesse dos professores.

Veja ainda nesta edição:

- Todas as mulheres da Presidência 2
- Feminismo perde Heleieth Saffiotti 3
- Mulheres do mundo 3
- Cordel explica Lei Maria da Penha 4



Brasil faz a sua revolução de gênero

O primeiro dia de 2011 entra para a História graças a uma cena inédita: depois de 36 homens, uma mulher recebeu a faixa de presidente da República do Brasil. Torturada durante a ditadura, nos anos 70, a economista Dilma Rousseff (PT) chegou ao cargo depois de uma disputada campanha.

Divorciada e militante estudantil em uma época em que os ativistas eram perseguidos e torturados, Dilma, de 63 anos, enfrentou a fúria dos preconceituosos durante a campanha eleitoral que a levou à Presidência.

Retratada nas primeiras páginas dos principais jornais do mundo, a posse de Dilma teve vários episódios simbólicos para todas as mulheres, mas principalmente para aquelas de sua geração. A presidenta foi escoltada para a cerimônia por uma comitiva formada apenas por mulheres, agentes da Polícia Federal.



Presidente Dilma Rousseff e sua filha, Paula, a caminho da cerimônia de posse no Palácio Itamaraty

Crédito - Roberto Stuckert Filho/PR

Depois, Dilma desceu a rampa do Planalto já como a primeira mulher Chefe das Forças Armadas do Brasil e, como tal, passou em revista as tropas militares, em cerimônia significativa também pelo fato de ter sido ela guerrilheira e prisioneira política durante os 'anos de chumbo'.

"Muitos da minha geração, que tombaram pelo caminho, não podem compartilhar a alegria deste momento. Divido com eles esta conquista, e rendo-lhes minha homenagem", declarou Dilma em um dos mais emocionantes momentos do discurso de posse.

A campanha de 2010 teve outra mulher como forte candidata, a senadora Marina Silva (PV), que foi a terceira candidata mais votada. Filha de seringueiros, a senadora de 53 anos trabalhou como empregada doméstica para conseguir estudar depois de adulta e, durante sua trajetória política, abraçou a causa do Meio Ambiente.



Todas as mulheres da Presidência

Com quase 25% do atual Ministério, as mulheres conquistaram a maior representatividade da História no alto escalão do Palácio do Planalto. Entre os 37 ministros, há 9 mulheres. São elas: a cantora Ana de Hollanda (Cultura), a jornalista Helena Chagas (Comunicação Social), a ex-senadora Ideli Salvatti (Pesca), a ex-depu-

tada Iriny Lopes (Políticas Para as Mulheres), a bióloga Izabella Teixeira (Meio Ambiente), a socióloga Luiza Bairros (Igualdade Racial), a professora e ex-deputada Maria do Rosário (Direitos Humanos), a engenheira Miriam Belchior (Planejamento) e a economista Tereza Campello (Desenvolvimento Social).

Antecessoras

Também vítima da ditadura, a médica chilena Michelle Bachelet foi a primeira mulher a tornar-se presidenta na América Latina, em 2006. No Brasil, desde que os eleitores voltaram às urnas, em 1989, apenas três candidatas estiveram na disputa presidencial: a bancária Lívia Maria de Abreu (PN), em 1989, a secretária Thereza Tinajero Ruiz (PTN), em 1998, e a professora de Enfermagem Heloísa Helena (PSOL/ PSTU/PCB), em 2006.

Apesar da pequena participação no cenário político, as mulheres são a maioria entre o eleitorado no País, que tem hoje aproximadamente 69,4 milhões de eleitoras, o equivalente a 51,8% do total. Para aumentar o nível de representatividade feminina no Congresso, que atualmente não chega a 10%, foi estabelecida uma lei de cotas, que prevê a garantia de, pelo menos, 30% das vagas dos partidos para as candidatas. Mas, ainda faltam aspirantes.

A presidenta eleita fez um chamado à futura geração feminina. "Venho para abrir portas para que muitas outras mulheres, também possam, no futuro, ser presidenta; e para que - no dia de hoje - todas as brasileiras sintam o orgulho e a alegria de ser mulher", disse.

Sugestões de aula

■ Presidente ou Presidenta?

A forma de tratamento da primeira mulher a presidir o País foi amplamente discutida nos meios de comunicação. Para a maioria dos gramáticos, presidente e presidenta são formas linguisticamente corretas e, portanto, plenamente aceitáveis.

Os maiores dicionários da Língua Portuguesa já registram 'presidenta' como equivalente de 'a presidente', 'mulher que preside'. Mesmo assim, alguns jornais e sites chamam Dilma Rousseff de presidente e não de presidenta, como ela prefere ser chamada.

Viúva do escritor português José Saramago, a jornalista Maria del Pilar del Rio Sánchez também enfrentou a polêmica gramatical ao assumir a Presidência da Fundação José Saramago.

"Só os ignorantes é que me chamam presidente. A palavra não existia porque não havia a função, agora que existe a função há a palavra que denomina a função. As línguas estão aí para mostrar a realidade e não para a esconder, de acordo com a ideologia dominante, como aconteceu até agora. Presidenta, porque sou mulher e sou presidenta", definiu Pilar del Rio.

■ Conheça alguns fatos marcantes da ascensão das mulheres brasileiras na política:

1932 - As mulheres casadas (com autorização do marido), viúvas e solteiras com renda própria conquistam o direito ao voto.

1933 - A médica paulista Carlota Pereira de Queiroz elege-se deputada federal, a primeira do Brasil.

1979 - Somente em 1979, o Brasil ganha sua primeira senadora. A suplente Eunice Michiles assume o cargo, após a morte do senador João Bosco de Lima.

1982 - Maria Esther Figueiredo Ferraz foi a primeira mulher a tornar-se ministra de Estado. Ela foi nomeada para a Educação pelo presidente João Batista Figueiredo.

1988 - A assistente social Luiza Erundina é eleita prefeita da maior cidade da América do Sul, São Paulo

1996 - O Congresso Nacional estabelece cota mínima de 20% de mulheres nas chapas proporcionais. Em 1997, a cota passa a ser de 30%, mas a pequena participação feminina dificulta o preenchimento das vagas.

Mulheres ao redor do mundo

África

Mulher e negra, Nontombi Naomi Tutu é filha do bispo Desmond Tutu, ganhador do Prêmio Nobel, e respeitada ativista internacional pelos Direitos Humanos. Ela denuncia a continuidade do apartheid na África do Sul.

“Ser considerada uma cidadã incompleta e menos ser humano do que as outras pessoas é muito duro. Crescendo placas espalhadas por diversos lugares onde os negros não podiam entrar ou onde havia espaços reservados para os brancos. A exclusão é dolorosa e ainda é hoje em dia”, denuncia Naomi Tutu.

Brasil

Em uma década, aproximadamente dez mulheres foram assassinadas diariamente no País. Os dados fazem parte do Mapa da Violência no Brasil 2010, produzido pelo Instituto Zangari a partir de dados do Sistema Único de Saúde. Entre 1998 e 2007, 41.532 mulheres foram vítimas de homicídios. O Mapa revela que as taxas de assassinatos femininos no Brasil são mais altas do que na maioria dos países europeus.

Egito

A avassaladora onda de protestos que sacudiu o Egito e reuniu muçulmanos e cristãos revoltados com a ditadura do presidente Hosni Mubarak pode ter começado nas redes sociais com o chamado de uma mulher. A egípcia Asmaa Mahfouz teria sido uma das primeiras a convocar protestos contra Mubarak, através do YouTube e do Facebook.

Armadas com cartazes, megafones e até pedras, as mulheres do Egito foram às ruas para pedir a saída do ditador, que deixou a Presidência no dia 11 de fevereiro. Mas, infelizmente, o machismo brutal que existe no País veio à tona com o espancamento e estupro da repórter norte-americana Lara Logan, que cobria a queda de Mubarak.

Estados Unidos

Nomeada para a Suprema Corte dos Estados Unidos, a juíza Elena Kagan é a quarta mulher a ocupar o cargo e uma das mais recentes vítimas da ditadura da beleza, que despreza o talento e a inteligência. Mesmo sendo a mais jovem mulher a ocupar o posto e tendo sido indicada pelo próprio presidente Barack Obama, Elena foi achincalhada na Internet e em alguns jornais por ser solteira e ser considerada gorda e pouca atraente. Os homens que integram

a Suprema Corte não foram questionados sobre a própria aparência, idade, estado civil ou excesso de peso.

Europa

Segundo a ONU, 2 milhões de pessoas são vítimas de tráfico humano no mundo; quase a metade com a finalidade de exploração sexual e, entre estas, a maioria é mulher e brasileira. Espanha, Portugal e Itália são os países que mais recebem brasileiras ‘traficadas’ com a promessa de trabalho como modelo, dançarina e babá. Considerado uma forma contemporânea de escravidão, o tráfico humano é uma das atividades criminosas mais rentáveis.

Irã

A sentença de morte da viúva iraniana Sakineh Mohammadi Ashtiani, de 43 anos, condenada por infidelidade e pelo assassinato do marido, provocou uma onda de protestos internacionais. Inicialmente, Sakineh foi condenada ao apedrejamento, mas a pressão da comunidade internacional fez com que o Irã modificasse a pena. O caso ainda aguarda julgamento e decisão final.

Itália

Milhares de mulheres foram às ruas de Roma, Milão e outras cidades italianas e europeias protestar contra o primeiro-ministro Silvio Berlusconi, acusado de prostituição de menores e famoso pelas atitudes e frases machistas. O principal partido de oposição do País espera recolher 10 milhões de assinaturas até o Dia Internacional da Mulher, para pedir a saída de Berlusconi. No dia 15 de fevereiro, o premiê italiano foi indiciado por prostituição de menores e abuso de poder. O processo está sob a responsabilidade de três juízas.

Turquia

Estima-se que 187 mil mulheres turcas ainda dividam o marido com uma segunda esposa, mesmo a poligamia sendo considerada ilegal. A Comissão Parlamentar Sobre a Igualdade de Possibilidade Para Homens e Mulheres na Turquia recebeu a denúncia de que a prática ocorre principalmente quando a primeira esposa não pode ter filhos ou não gerou crianças do sexo masculino. Segundo a Comissão, mais de sete milhões de mulheres teriam se casado por decisão dos pais, ou seja, através de ‘casamentos arranjados’.

MEMÓRIA

Heleieth: uma pioneira



Faleceu em 13 de dezembro de 2010 a professora e escritora Heleieth Lara Bongiovani Saffiotti, uma das pioneiras do movimento feminista no Brasil. Ela foi uma das primeiras acadêmicas brasileiras a publicar livros e artigos sobre a condição das mulheres e seu nome é reconhecido internacionalmente como referência para a história do feminismo brasileiro.

Filha de uma costureira e um pedreiro, Heleieth nasceu em Ibirá, no interior paulista.

Seu pioneirismo no estudo das questões de gênero começou em 1967, quando ela defendeu a tese de livre-docência pela Unesp, intitulada “A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade”. Depois de publicado, o estudo tornou-se obra de referência para feministas e cientistas sociais, por discutir a marginalização das mulheres no capitalismo brasileiro.

A partir de então, Heleieth iria escrever outros 12 livros e dezenas de artigos sobre a condição da mulher. A professora criou ainda um Núcleo de Estudos de Gênero, Classe e Etnia na UFRJ e orientou teses na PUC-SP, antes de se aposentar pela Unesp de Araraquara, onde recebeu o título de professora emérita.

Nobel da Paz

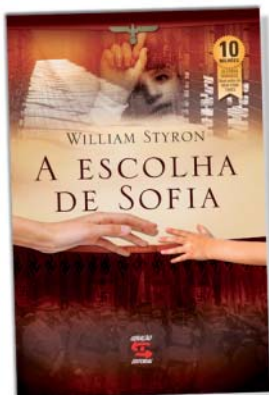
Em 2005, Heleieth foi indicada ao Prêmio Nobel da Paz, ao lado de outras 49 brasileiras, como Zilda Arns e Luiza Erundina, por integrar o Projeto Mil Mulheres, que reúne mulheres engajadas na luta por um mundo mais justo.

Nos últimos anos, dedicou-se à pesquisa sobre violência de gênero, atividade que desenvolvia em parceria com o CNPq, o Laboratório de Psicologia da USP, o Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais e o Núcleo de Pesquisa Interdisciplinar de Ação Social.

A Prefeitura de Araraquara inaugurou em 2001 o Centro de Referência da Mulher Heleieth Saffiotti, que acolhe mulheres vítimas de violência, presta atendimento psicológico, oferece orientação jurídica e trabalha na prevenção pedagógica da violência doméstica. Cerca de 6 mil homens e mulheres já receberam capacitação no Centro de Referência sobre violência de gênero e participaram de oficinas sobre as relações de poder entre os sexos.

Dicas Educacionais e Culturais

■ Livros



“A Escolha de Sofia” – Acaba de ser relançado o best-seller responsável pela popularização do termo “escolha de Sofia”, como sinônimo de opção entre duas alternativas dramáticas. Reeditado pela Geração Editorial, o livro *A Escolha de Sofia*, do escritor William Styron, narra o drama da polonesa Sofia que sobreviveu ao campo de concentração de Auschwitz, depois ter sido obrigada a escolher qual filho seria abandonado na fuga. O livro teve uma versão cinematográfica que conquistou a categoria de melhor filme em 1983 pela Associação de Críticos de Nova York e Los Angeles, ganhou o Globo de Ouro da Associação de Imprensa Estrangeira de Hollywood, e deu à atriz Meryl Streep o segundo Oscar de sua carreira.



“Alice no País das Maravilhas e a Filosofia” – As lições de ética, inconformismo e irreverência da viagem de Alice ao País das Maravilhas foram analisadas pelo professor de Filosofia William Irwin no livro, lançado no Brasil pela Editora Madras. A obra revela os possíveis significados da história fantástica criada pelo inglês Lewis Carroll. Alice pode ser um ícone feminista, a viagem na toca do coelho pode ser uma experiência alucinógena e outras interpretações são discutidas pelo autor. Confira nas livrarias!

■ Blog Nascer Mulher

Três estudantes de Letras da USP lançaram em janeiro o Blog Nascer Mulher, com fatos e reflexões sobre a trajetória feminina. Ana Araújo, Maria Júlia e Paula Penteado discutem questões como a construção do gênero no ambiente escolar e o mito da docilidade feminina. Acesse <http://nascermulher.blogspot.com/>

■ Lei Maria da Penha em Cordel

*“A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta Lei me tornei fã
Pra que a mulher de hoje
Não seja uma vítima amanhã”*



O compositor, repentinista e arte-educador cearense Tião Simpatia compôs um cordel com os principais artigos da Lei Maria da Penha. Tião já lançou seis CDs e o DVD “Mulher de Lei”, com repertório focado no universo feminino. A linguagem é simples e objetiva, como os bons cordéis. Veja o cordel Maria da Penha e outros trabalhos do artista no blog www.tiosimpatia.blogspot.com

R.E.P.Ú.D.I.O

■ Uma cineasta perdeu o direito à guarda do filho de três anos por atuar no Grupo de Teatro Oficina Uzyna Uzona, criado e dirigido pelo consagrado dramaturgo José Celso Martinez Corrêa desde os anos 60. A decisão da Vara da Família atendeu à ação movida pelo ex-marido da artista Elaine César, que a acusa de abuso sexual, denúncia recorrente em separações litigiosas, e de atuar em um ‘teatro pornográfico’.

Durante o processo, oficiais de Justiça confiscaram todo o material de vídeo do grupo, encontrado na casa de Elaine, que está produzindo um filme sobre a trajetória do diretor de teatro, Zé Celso.

Patrocinado pelo Ministério da Cultura, o mais recente espetáculo do Oficina, “As Dionisíacas”, estreou no dia 26 de janeiro com uma homenagem à artista, que chegou a ser hospitalizada em decorrência do stress provocado pelo episódio.

Elaine César estreou um blog biográfico. A primeira postagem do dia 15 de fevereiro fala sobre alienação parental, que deve ser o tema do próximo documentário da cineasta. O endereço do blog é <http://elainecesar.blogspot.com/2011/02/um-novo-filme.html>

■ A violência contra a mulher é um problema social e exige políticas públicas. É o que mostra a pesquisa mais recente realizada pela Fundação Perseu Abramo, em parceria com o Sesc: a cada dois minutos, cinco mulheres são agredidas violentamente no Brasil.

Realizada em 25 Estados, a pesquisa *Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado* ouviu, em agosto de 2010, 2.365 mulheres e 1.181 homens com mais de 15 anos.

Além da estimativa de mais de duas mulheres agredidas por minuto, os pesquisadores descobriram que aproximadamente 8% dos homens admitem que já bateram na companheira. Apesar do número de espancamentos, as agressões caíram nos últimos anos, graças à Lei Maria da Penha. Há 10 anos, aproximadamente oito mulheres eram espancadas no mesmo intervalo.



“Muita gente se revelou mega misógina quando viu que uma mulher poderia ser eleita presidenta do Brasil. Percebemos que as pessoas são mais estúpidas do que imaginávamos.”

Nina Lemos, jornalista do Blog 02 Neurônio

“A cultura da beleza viola o sistema de mérito porque ela acaba substituindo a habilidade.”

Advogada Debora Rhode, autora do livro “The beauty bias” (O preconceito da beleza)

2011

PARTICIPE:

08 de Março (Terça de Carnaval)

- Blocos carnavalescos das mulheres

12 de março

- Grande Marcha do Dia Internacional da Mulher com concentração a partir das 9h30, na Praça Roosevelt



Dirigentes responsáveis:

Maria Izabel Azevedo Noronha
Presidenta da APEOESP

José Geraldo Corrêa Júnior
Vice-Presidente

Paulo José das Neves
Secretário de Comunicações

Roberto Guido
Secretário de Comunicações Adjunto

Francisca Pereira da Rocha Seixas
Secretária de Políticas Sociais

Marcos de Oliveira Soares
Secretário de Políticas Sociais Adjunto

Conselho Editorial

Maria Izabel Azevedo Noronha
José Geraldo Corrêa Júnior

Paulo José das Neves
Roberto Guido

Fábio Santos de Moraes
Odimar Silva

Francisca Pereira da Rocha Seixas
Marcos de Oliveira Soares

Luiz Gonzaga José
Suely de Fátima de Oliveira

Francisco de Assis Ferreira
Zenaide Honório

Rita de Cássia Cardoso

Texto e edição:

Ana Maria Lopes - MTB 23.362

Diagramação:

Rosely Soares

Produção:

Secretaria de Comunicações da APEOESP

Tiragem: 15 mil exemplares